

SOFRER É NECESSÁRIO, SUPERAR É CONSEQUÊNCIA: legitimações da dor e deficiência em algumas narrativas esportivas¹.

Marco Antonio Gavério - UFSCar²

Valentina Iragola Cairoli - UFSCar³

Resumo: A proposta deste artigo consiste em discutir como o 'corpo deficiente' e o 'corpo em dor' servem de bode expiatório à suposta naturalidade das capacidades corporais humanas. Com esse intuito, partiremos de elaborações descritivo analíticas das narrativas midiáticas do jogador Neymar Júnior e da ginasta Laís Souza, esportistas que se machucaram e tiveram suas lesões e incidentes amplamente espetacularizados. A proposta é articular como o 'medo da deficiência' e a 'dor como superação' emergem quando o corpo capaz e flexível dos esportes *mainstream*, considerado um dos lócus da integridade moral pela superação de limites físicos, se 'quebra' ou 'sofre injúrias'. Tal quebra e injúria aqui se referem ao corpo que se lesiona, que se machuca e pode debilitar-se, mas também indicam uma ruptura com normas e expectativas socioculturais de como um corpo deve ser, sentir e funcionar. Nos interessa nesses exemplos midiáticos captar os sentidos dessas notícias no que projetam 'discursos da dor e da deficiência' e contrapô-los com as experiências etnográficas dos autores que serviram de insights específicos para essas problematizações mais gerais. Por um lado, considerações críticas de Marco a uma experiência 'como deficiente' construída através de práticas corporais reabilitativas, e por outro, a experiência de campo de Valentina em dois grupos de corrida.

Palavras-chaves: Capacidade; deficiência; esporte

Introdução.

Este texto é um experimento sócio-antropológico fruto da tentativa de diálogo entre dois pesquisadores com universos investigativos supostamente excludentes: as experiências identitárias (ou contra-identitárias) em torno da deficiência e as lógicas corporais esportivas das pessoas 'normais'⁴. Marco, analisando a produção discursiva da deficiência perante os debates de sexualidade, e Valentina, as relações corporais entre os participantes de grupos de corrida, encontraram nas ideias de "dor/sofrimento" e "superação" indícios para estabelecer uma interlocução teórica tomando o corpo e a corporalidade como referências analíticas. A partir da análise cruzada desses termos [dor/sofrimento, superação] problematizaremos a ideia de capacidade e os processos de 'bem-estar'/reabilitação a ela atrelados. A capacidade tem sido naturalizada enquanto

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Cientista Social pela UFSCar, São Carlos, e mestrando pela mesma universidade no PPG-Sociologia.

³ Licenciada em Sociologia pela UdelaR (2013), Montevideo. Atualmente cursando Mestrado pelo PPG-Sociologia da UFSCar, São Carlos.

⁴ Agradecemos ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Entretenimento do PPGS-UFSCar por ter sido um espaço profícuo onde o diálogo aqui proposto emergiu.

‘ausência de deficiência’ e, ao mesmo tempo, compreendida como o ponto moral a se alcançar em determinadas práticas esportivas e em certas práticas fisioterápicas através da ‘superação da dor presente’.

A metodologia consiste em apresentar uma leitura analítica e comparativa dos discursos emergentes nos relatos midiáticos dos casos de Neymar Jr. e Laís Souza, lançando mão de reflexões a partir de nossas experiências etnográficas e de pesquisa. O objetivo principal é tencionar a ideia naturalizada de capacidade e superação da dor\deficiência, através de propostas críticas dos estudos sobre deficiência (*disability studies*) e de estudos do esporte e das subjetividades inerentes às práticas esportivas.

Tomamos como referencial teórico os estudos sobre deficiência que, emergindo do moderno movimento político deficiente dos anos 1960, propiciaram outras maneiras de pensar a deficiência: de um destino corporal considerado naturalmente anormal para uma ideia de que sua produção estava nas relações sociais que a controlavam, nomeavam e discriminavam como problema médico-individual. Em última instância, a deficiência passa a ser lida como resultado de um mundo social estruturado a corpos considerados produtivos, pois capazes (sem deficiências = aptos ao trabalho). Estabelece-se, então, um ‘modelo social’ de compreensão da deficiência. (ALBRECHT et al, 2001; DAVIS, 2006; DINIZ, 2007; MELLO, 2009; HARLOS, 2012; COSTA C. ANDRADA, 2013; GAVÉRIO, 2015a). Entretanto, nos posicionamos na fronteira desses estudos ao considerarmos certas críticas mais contemporâneas aos *disability studies* que advém, principalmente, de uma leitura produtiva que tenciona as ‘construções sociais’ da deficiência e as ‘desconstruções’ sobre corpo e sexualidade projetadas na teoria *queer*⁵. Nesse sentido, compreenderemos a noção de capacidade naturais, criticando a fixidez das identidades tidas como “deficientes\doentes” como não menos produzidas ou ‘artificiais’ [no sentido de Butler (2002), das construções sociais como ‘artefatos’] que as (não)identidades “normais”.

A tragédia da paralização

Laís Souza começou sua carreira como ginasta artística aos quatro anos em Ribeirão Preto, interior de São Paulo e a partir daí representou a seleção nacional ganhando vários

⁵ Aqui, nesse texto, gostamos de pensar com o Antropólogo *Queer* Wagner Xavier de Camargo que problematiza o *queer* da seguinte maneira: “[...] a teoria queer e as práticas queer dão espaços às políticas de representação e de performatividade, que funcionam como operações de desnaturalização de sexos, gêneros, de regimes disciplinares, tornando-se lugares de (re)políticação.” (CAMARGO, 2012, p. 10)

prêmios até 2013, momento no qual começa a treinar esqui aéreo para disputar os jogos de inverno de 2014. Em um dos treinos, em janeiro desse ano, sofreu um acidente que causou uma torção na coluna cervical, limitando grande parte dos seus movimentos e a configurando como tetraplégica. De outro lado, o jogador de futebol Neymar Jr. sofre uma lesão durante o jogo contra Colômbia, durante a disputa do mundial de 2014, causando o seu afastamento durante o campeonato, assim como especulações a respeito das (im)possibilidades de retorno à atividade⁶.

No caso da Laís, é possível identificar a construção discursiva de sua experiência como narrativa linear que se rompe⁷, na qual o "momento da tragédia" divide um passado de vitórias e sacrifícios pessoais, que são lembradas com carinho, de um presente "difícil" de readaptação a sua "nova condição", uma forma de se referir à deficiência adquirida. Aqui a noção de capacidade vai se fazer em detrimento de uma negação do corpo que foge da vontade da atleta, um corpo paralisado que não é mais capaz de se movimentar sozinho. No caso de Neymar Jr., ao levar uma falta no jogo contra a

⁶ Como fontes e devido a grande repercussão midiática sobre os acidentes, buscamos algumas notícias sobre os atletas. Sobre Laís Souza focamos em um micro-documentário feito pela SporTV <<http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-reporter/noticia/2015/09/lais-souza-revela-15-meses-apos-sofrer-acidente-so-sonho-que-estou-normal.html>> e uma reportagem estendida feita pelo Globo Esporte <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas-de-inverno/noticia/2016/01/dois-anos-apos-acidente-lais-aprende-viver-sobre-rodas-conseguir-aceitar.html>>. Sobre Neymar Jr. tomamos como referência o teor da maioria das notícias, entrevistas com o jogador e declarações da comissão técnica da seleção sobre a contusão do atleta: Jornal O Tempo <<http://www.otempo.com.br/cmlink/hotsites/copa-do-mundo-2014/entenda-a-contusao-que-tirou-neymar-da-copa-1.877532>>; Portal G1 <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/v/neymar-sofre-grave-contusao-e-esta-fora-da-copa-do-mundo/3477049/>>; <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/v/lance-da-contusao-de-neymar-e-registrado-por-diversas-cameras/3479347/>>; UOL Esporte <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/05/especialista-explica-lesao-de-neymar-e-proximos-passos-da-recuperacao.htm>>; Portal O Dia <<http://odia.ig.com.br/esporte/copa-do-mundo/2014-07-10/neymar-chora-ao-lembrar-da-contusao-e-revela-que-torcer-por-messi-na-decisao.html>>; <<http://odia.ig.com.br/esporte/2014-07-22/runco-fala-sobre-gravidade-de-lesao-de-neymar-poderia-ter-aficado-paraplegico.html>>; Fox Sports <<http://www.foxsports.com.br/noticias/162478-neymar-revela-ligacao-de-zuniga-e-chora-ao-se-imaginar-paraplegico>>; Blog do Cosme Rímoli <<http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/as-lagrimas-de-neymar-dois-centimetros-para-dentro-e-eu-poderia-ter-acabado-em-uma-cadeira-de-rodas-alem-da-revelacao-fez-questao-de-mostrar-que-e-lider-na-selecao-pedi-a-permanencia-de-felipao-10072014/>>; Folha <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1484193-lesao-poderia-ter-deixado-neymar-paraplegico-dizem-medicos.shtml>>;

⁷ Aqui podemos acompanhar uma análise mais disciplinar de certa 'sociologia\antropologia do corpo' que interpreta momentos de explicitação das dinâmicas de doença, dor e deficiências como rupturas com certa ordenação, seja ela interna e relativa ao indivíduo orgânico, ou externa e relativa a um descompasso entre o corpo e a sociedade. Para uma consideração nesse sentido ver LE BRETON (2007; 2009). Entretanto, nos parece que essa leitura deixa espaço para compreender os corpos nesses processos como anteriores a toda uma formação discursiva aos próprios processos 'patológicos' por quais os corpos se 'rompem'. A antropóloga Jasbir K. Puar (2009, pp. 167) questiona provocativamente: "O que aconteceria com as deficiências congênitas, por exemplo, se fossem posicionadas não apenas em termos ideológicos como patologias, mas como erros informativos no código de DNA que pode ser corrigido, onde o corpo deficiente é produtivo e não considerado por falta de capacidade de regeneração?" [tradução livre]. Mais à frente retomaremos essa discussão.

Colômbia, teve que se afastar da reta final do mundial de 2014 por uma lesão considerada séria em sua coluna. Em uma das entrevistas coletivas após o diagnóstico de sua injúria, e da conseqüente impossibilidade de sua permanência no restante da competição, Neymar chegou a chorar publicamente ao realizar que, por muito pouco, a contusão não atingiu sua medula e que, segundo os prognósticos médicos, provavelmente o tornaria deficiente/incapacitado/'desabilitado' (*disabled*) permanentemente ao futebol convencional; algo além de suas vontades individuais de potência, agilidade e controle corporal: um paraplégico, um deficiente. O choro de Neymar não era, exatamente, contra uma vivência deficiente específica, contra a existência dessas pessoas que vivem com limitações, mas que a todo momento as superam com coragem e vontade esses desígnios trágicos. O choro de Neymar era sobre o vislumbre de seu corpo se quebrar e, por isso, não mais conseguir se flexibilizar da maneira exata para um jogador de futebol, que, fundamentalmente, precisa estar sustentado sobre uma estrutura corporal bípede.

Música que exalta as emoções fortes, entrevistas a familiares ou amigos próximos que recriam para o espectador as sensações vividas no momento da notícia do acidente (geralmente acompanhadas com lágrimas) são alguns dos recursos cênicos utilizados pelos produtores dos meios de comunicação que expõem o acidente dos atletas para engrandecer o caráter trágico. Dor, lesão, superação, lágrimas, vontade, decepção, recuperação, melhorar, ser melhor que antes. Esses termos, recorrentes nas narrativas midiáticas que apresentam os acidentes, sempre se torna um desígnio 'trágico' por se darem em indivíduos que nunca experimentaram uma ruptura 'incapacitante'. O medo da dor incapacitante e da deficiência é substanciado na pessoa que não consegue correr, caminhar, saltar, jogar bola, ou seja, tem substância no 'corpo paralisado'.

Desse modo, temos a ex-ginasta que superou a dor de ter seu corpo lesionado e hoje supera seus limites físicos em busca de recuperação de sua 'deficiência'; o jogador de futebol que enfrenta as dores de uma lesão na coluna: a física e a moral (por não poder seguir competindo e por quase ter ficado incapaz de andar). São experiências narradas e mediadas pela imprensa, resultando espaços discursivos úteis para pensar a respeito da normalização das supostas capacidades corporais, reproduzindo o binômio que distingue entre corpos capazes e não capazes (ou "deficientes").

Nesse contexto, como fica o *jogger* (um indivíduo 'sem deficiência') que, ao correr com o pé machucado, se supera fisicamente e moralmente ao completar seu percurso, seu treino, nessa adversidade? E o indivíduo que se submete a dores fisioterápicas e a disciplinas puxadas de tratamento físico-motor visando 'melhorar cada

vez mais’? Quais são as bases discursivas presentes nessas construções? E o que interessa mais neste trabalho, como isso contribui na reprodução da suposta normalidade e neutralidade do corpo como entidade capaz de tudo?

O esporte, segundo Vaz Fernández (1999) é uma das formas contemporâneas mais importantes de organizar a corporalidade, sendo o treino uma relação ótima entre estímulo e descanso, que tem como objetivo permitir uma adaptação do organismo a condições de estresse que são infringidos. Nestes termos, o objetivo do autodomínio é um pilar no fundamento das práticas esportivas, o qual, como já afirmavam Elias e Dunning (1992), representa um dos movimentos centrais do processo civilizatório. O autocontrole é uma condição necessária para consolidar o ser "civilizado". Considerando o exposto, podemos pensar no medo que apresenta a ideia do corpo “deficiente\incapacitado”⁸ como temor à perda de controle? Ou, antes, em um sentimento aterrorizante de perda do domínio de si frente a condições adversas da vida cotidiana para as quais o treino esportivo e a sessão de reabilitação se apresentam como uma preparação? Para ilustrar melhor as questões que estamos propondo, vamos trazer algumas reflexões a partir da experiência etnográfica com grupos de corridas de uma das autoras, Valentina (IRAGOLA, 2015-2016).

A superação como esporte

Podemos afirmar que o corpo do *jogger* se materializa na base dos ideais de autocontrole, de flexibilidade, de agilidade. Este, assim como o capitalismo, não pode parar; faça chuva ou sol, faça calor, bolhas ou feridas graves nos pés; sua corrida é delimitada em um ciclo temporal progressivo, futuro e imprevisível. Com objetivos analíticos, podemos imaginar como antagônico a este corpo que se condisse com o capitalismo (que nunca para), aquele em greve involuntária.

Chama atenção o fato de que embora a tolerância à dor seja contemplada como um valor positivo, como símbolo de capacidade de superação dos limites corporais, sinônimo de vontade e sacrifício de si mesmo para superar as adversidades, o "medo das lesões", que podem afastar os corredores dos treinos e das rotinas, resulta estar presente não só nas conversas cotidianas, como nas revistas temáticas que alertam a respeito de diversas precauções a tomar para evitar traumas e contusões.

A lesão implica um afastamento da atividade esportiva, um impedimento para continuar treinando. Frases como "estou voltando de uma lesão que me deixou parado",

⁸ Utilizamos esta expressão para ressaltar a oposição constitutiva da construção do "corpo capaz"

ou "fiquei parado dois meses por causa de uma lesão, você não imagina o que significa ver os seus amigos treinando e você não poder acompanhá-los. É muito triste", são frequentes entre corredores (IRAGOLI, Diário de Campo, 2015-2016). Por outro lado, gostaríamos de apresentar uma conversa com Verónica, mulher de 46 anos, participante de um dos grupos de corrida, quem contando-me a respeito das provas de competição, particularmente a São Silvestre de dezembro de 2015. Ela lembrou de ter visto no momento um competidor em cadeira de rodas e sentiu-se motivada a continuar, pensando que se ele podia com todas as "suas dificuldades", ela tinha que dar "o seu melhor".

A partir do exposto, propomos a hipótese de que a "tragédia da paralização", e a materialização do "corpo debilitado"⁹, em oposição à naturalização das capacidades do corpo, são representações discursivamente mobilizadas no contexto de um dispositivo¹⁰ de promoção do autodomínio corporal, emocional e afetivo. O que se cristaliza na materialização do corpo debilitado? E mais importante, quais as consequências políticas dessa construção?

O desenvolvimento da prática de corrida, pode ser um exemplo frutífero para pensar como esse dispositivo opera, sendo que é uma prática que foi incorporando e fusionando discursos de diferentes vertentes disciplinares. Por um lado, a disciplina característica do regime militar, fortalecida pela consolidação do mito do guerreiro; a efetiva normalização da articulação entre atividade física e saúde; e a inscrição paulatina, no decorrer do século XX e com maior força no século XXI, do discurso terapêutico e da promoção da autoajuda. Todo o qual é fortalecido pela ideia de "prática democrática" que opera com a seguinte lógica: todo mundo pode correr, então quem não realiza nenhuma atividade física é porque não quer. Gostaríamos de descrever brevemente como operam esses discursos.

⁹ O "corpo debilitado" é aqui uma nomeação estratégica para buscarmos reconsiderar uma separação político-identitária entre aqueles e aquelas que "são deficientes" e aqueles e aquelas que "são doentes" ou convivem com dores/doenças crônicas. Nas palavras da antropóloga Juliane Livingston (2006, p.112): "Doenças crônicas coexistem com lesões debilitantes geradas através de soluções biomédicas parciais" [tradução livre]. Mais que uma oposição ao "corpo capaz", aquele que é ágil, flexível e sobre tudo auto-controlado, promovido nas práticas esportivas e reabilitativas, a proposta é focar como certos níveis de dependem de outros níveis de debilidade e capacidade (e vice-versa). É preciso informar que nos baseamos aqui em alguns textos que tentam produzir esse deslizamento semântico da categoria geral 'deficiência' para a categoria 'debilidade'. Autoras como Jasbir K. Puar (2009), Raewynn Connell (2011), Maria Berghs (2011), e Kelly Fritsch (2015) tem estabelecido elementos para essa crítica.

¹⁰ O conceito de dispositivo aqui empregado é o proposto por Foucault, entendido como uma rede de relações entre diversos elementos, discursivos e não discursivos, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais, assim como instituições, leis, regulamentos e medidas administrativas (FOUCAULT, 1999).

No primeiro lugar, precisamos olhar na institucionalização da Educação Física como disciplina científica cujo ensino volta se obrigatório nas instituições educativas, para compreender como o discurso do guerreiro (e em paralelo, o jogador) foi se articulando com a reprodução axiomática de que a atividade física é saúde. Como afirma Soares (1994), a introdução desta nova disciplina nos foros científicos brasileiros mistura-se com instituições militares e médicas, passando de mitos heroicos sobre os primeiros guerreiros, associados as proezas físicas com objetivos altruístas à ênfase na higienização e saúde. O caráter político destes fatos é gritante, se-consolidando como um conjunto de políticas de eugeniização racial.

Vai se consolidando paulatinamente uma nova experiência estética que associa beleza à saúde, e saúde a atividade física. Normalizando-se assim, um modelo que hierarquiza corpos (sempre associados a identidades) fortes, ativos e autocontrolados, e coloca como bode expiatório corpos que não conseguem chegar nesses padrões. Temos então, a articulação de discursos que reivindicam a superação de metas, dos limites do próprio corpo e das adversidades que o "mundo externo" pode colocar, o corpo transforma-se numa máquina auto gestora de superação de obstáculos. E por outro lado, discursos que associam essas atividades ao discurso da saúde, do bem-estar.

Um terceiro conjunto de discursos que podemos distinguir como constitutivos da conformação desta subjetividade, ou ao falar de Andrade de Melo (2011) deste "jeito de ser esportivo", ilustra-se na ideia de que o treinamento é substancial para se sentir em paz consigo mesmo e, assim, com o mundo. Ou seja, para poder superar as metas, os desafios, o estresse da vida cotidiana sempre com o espírito tranquilo. O esporte de rendimento incorpora a linguagem terapêutica, e sobre tudo, a linguagem da autoajuda, tão característica do século XXI. "Correr é minha terapia", "correndo eu consigo me conectar comigo mesmo, com as minhas emoções, com a minha infância". "Eu sempre estou dando conta para os outros, e esse é um momento para me conectar comigo mesmo" "Correndo eu consigo me sentir livre, emoção que só aqueles que praticam a corrida conseguem sentir". O movimento é associado à liberdade e essa fórmula como promotora de felicidade é promovida pelas publicidades de calçado esportivo ou serviços de esportes de risco.

Sobre todo desde a segunda metade do século XIX e mais fortemente no desenvolvimento do século XX, a linguagem discursiva da psicanálise, tem sido incorporada como uma forma mais de auto-gestão. Como afirma Illouz (2011), o desenvolvimento por parte dos psicólogos do conceito de inteligência afetiva,

categorizada em autoconhecimento, administração dos afetos, motivação de si mesmo, empatia e manejo das relações, tem criado novas formas de padronizar e classificar as pessoas, contribuindo assim para transformar o estilo afetivo num capital, e articulando uma nova linguagem de identidade para se apossarem desse capital.

O esporte, as práticas esportivas incorporam esta linguagem e a adaptam no marco do seu próprio desenvolvimento, reivindicando o bem-estar emocional e psicológico como responsabilidade de cada pessoa, da fortaleza pessoal. A atividade física transforma-se numa via para o autocontrole físico e afetivo, fortalecendo o binômio que hierarquiza os corpos capazes, na associação com o autodomínio. O corpo "não ativo" é associado ao corpo sedentário, ao corpo que acumula gordura, ao perigo ou risco. Ou seja, ao corpo em termos de bomba de tempo porque alguma enfermidade terminal pode o atingir. Esse corpo sedentário é colocado como antagônico do corpo canônico, magro, ativo e belo, preparado não só para afrontar os desafios da vida cotidiana, os compromissos da vida profissional, sino também para o-fazer com alegria, utilizando os termos de Illouz, com inteligência afetiva.

Mais uma vez, considerando esse contexto, o que representa a "tragédia da paralização"? A este respeito, Mike Oliver (1990) pontua que a deficiência, quando significado genérico de um estado ou condição corporal orgânica falha, torna-se moralmente obtusa ao ser relativa a um significante de materialidade orgânica que, socialmente, é vista como dependente e em vias de intervenção individual. Uma espécie de 'tragédia pessoal' envolve os significados tecno-médicos dos diagnósticos de deficiência; um vórtex que acomete o indivíduo vertiginosamente entre a dor e o sofrimento.

A comparação entre 'estados de injúria' (BROWN, 1995) corporais é fundamental para as interlocuções elaboradas neste momento do texto. Robert McRuer (2002) ao analisar a fragilidade do que poderíamos chamar de 'integridade corporal' que ronda constantemente os momentos de disputas esportivas, como o futebol, argumenta sobre as bases instáveis que se assentam a ideia de funcionalidades corporais saudáveis e ativas em sua naturalidade\normalidade. McRuer pondera que, além da grande visibilidade à virilidade e a potência corporal de forma normatizada no corpo dos jogadores que grandes eventos esportivos transmitem, o momento da falta pode ser sempre o momento da quebra literal do corpo esportista e, assim, ao final, representar a própria quebra metafórica da transmissão da potência corporal normativa em ação. Em outras palavras, o momento da falta, o momento da injúria corporal, é um momento de tensão, de ruptura com a natureza

funcional do organismo, pois a grande certeza da potência e flexibilidade volitivas físico-motora-sensorial-cognitiva podem se encontrar com um estado supostamente fixo e estável, a incapacidade, a deficiência, considerada um ente externo ao indivíduo e fora do controle volitivo do indivíduo em questão.

Esse “dispositivo da capacidade” condiz com um processo de contínuo disciplinamento e normalização dos corpos, o qual tem consequências em termos de construções subjetivas. Segundo Miskolci (2006), a busca de adequação aos padrões identitários socialmente impostos que tem justificado e instituído as mais variadas formas de controle corporal. Nesta linha, o desenvolvimento das mídias tem contribuído cada vez mais na consolidação de modelos corporais impostos como instrumento para atingir modelos indenitários, o qual leva o autor afirmar que temos transitado por um processo de corporificação das identidades. Neste sentido, a extrema valorização de corpos ativos e flexíveis, deixam os corpos que não conseguem atingir esses padrões nos lugares da debilidade física e psicológica, associados com a incapacidade de domínio sobre o corpo e a regulação da própria felicidade.

O importante é ter força, fé e determinação.

Como apresentado no início, um segundo momento da narração da experiência da Laís Souza constrói-se o relato de uma reconfiguração identitária em torno de três dimensões: aceitação da tragédia, força pessoal, e inspiração para outros no "mundo dos cadeirantes". Na descrição desse processo, destacam-se valores de fortaleza e de superação, que a consolidam como inspiração para outros "cadeirantes". Em diálogo com esta ideia, gostaríamos de apresentar uma pesquisa da argentina Carolina Ferrante (2012), na qual mostra como dentro da categoria de "rengos", assim denominadas as pessoas com deficiência física, distingue-se entre aqueles que dão o melhor de si mesmo, e aqueles que se "resignam" à sua condição de deficiente, defendendo que o importante é não ser "rengo da cabeça".

Podemos ver como esse discurso adapta-se aos diferentes contextos construindo diferenças entre "corpos deficientes", valorizando positivamente aqueles que "lutam" contra toda e qualquer adversidade corporal com muita resignação individual. A luta refere a "encarar a fisioterapia com a mesma garra que os treinos". A construção da imagem de herói vincula-se com a lutadora que não desiste no objetivo de recuperar as "capacidades normais" do corpo. A aceitação nestes termos é representada pela corporificação de uma identidade lutadora para recuperar os parâmetros de normalidade,

o qual, na mesma lógica antes exposta, cristaliza-se como valor de fortaleza moral. A promoção midiática de corpos fisicamente resistentes associados a mitos originários de guerreiros ou jogadores, afirma Miskolci (2006), conformam modelos de corporalidades associadas com a resistência e a força, moral e física, vinculando a disciplina com modelos corporais e identitários, segundo os quais, a pessoas se tornam responsáveis pelo que são, de forma que sua condição física é diretamente atribuída à sua capacidade de autodisciplina. O autor afirma que as técnicas de disciplina corporal são assujeitadoras porque criam não apenas corpos padronizados, como também subjetividades controladas¹¹.

A "aceitação" nestes termos, consolida-se como um movimento na narrativa identitária para atingir os padrões de adequação corporal, promovidos principalmente nas instituições educativas e pelos meios de comunicação, valorados como suposta porta de entrada para o mundo da felicidade (Miskolci, 2006), compreendida como responsabilidade moral individual. A exaltação da força de vontade para buscar recuperação, se distinguindo de aqueles que "ficam na casa, nem saem para a rua", assim como as manifestações de admiração por Laís continuar fazendo as coisas de uma "menina normal", como ir no salão de beleza ou dar passeios com amigas são manifestações que ilustram com precisão o que vemos apresentando.

Além disso, é destacado pela imprensa o fato dela estar desde o momento do acidente submetida a diversos treinamentos para recuperar os movimentos, assim como a um tratamento com células-tronco em Miami. No documentário que citamos acima, uma das cenas nos chamou a atenção: Laís Souza faz questão de mostrar uma das tatuagens que fez após o acidente. Em um dos pulsos da atleta vemos a figura simbólica de um cadeirante, o mesmo símbolo que é usado para indicar 'pessoas com deficiência' em sinais de trânsito para uma vaga reservada. Na tatuagem de Laís, entretanto, o cadeirante está em um processo 'evolutivo', mostrando, quadro por quadro, um indivíduo no processo de levantar-se e se pôr em marcha bípede. Uma nítida referência a famosa imagem que mostra certa leitura da teoria da evolução humana, do macaco ao hominídeo ereto.

¹¹ O filósofo Francisco Ortega no livro *O Corpo Incerto* (2008) também aborda essa questão. Para Ortega, hoje vivemos sob uma bioascese em que a disciplina corporal, resumidamente falando, visa a manutenção e produção de projetos individualizados de 'self'.

Vamos refletir a respeito da valoração moralmente positiva atribuída à busca por "recuperar as capacidades", para o qual o projeto 'Andar de Novo'¹² (*Walk Again*) liderado pelo neurocientista Miguel Nicolelis, e seu ainda mais famoso exoesqueleto, proporcionaram outro exemplo. O propósito é problematizar não o fato em si de se colocar alguém em pé, mas das condicionantes morais que giraram, e giram, ao redor de fazer alguém andar novamente, ou, mais genericamente, fazer alguém retornar a um suposto estado anterior de normalidade.

Segundo a reportagem da revista *Piauí*¹³, em suas palestras o neurocientista paulistano Miguel Nicolelis

[...] costuma chorar no exato momento em que fala da eventual concretização da experiência. Foi o que ocorreu, em julho, na Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip. Lá, primeiro ele mostrou um esboço da **veste robótica que será comandada pela mente do paralítico**. Em seguida, anunciou que gostaria de fazer a primeira demonstração pública da tecnologia no jogo de abertura da Copa de 2014. E por fim disse: **“Nosso desejo é que uma criança brasileira, até então quadriplégica, possa capitanear a Seleção Brasileira em direção ao campo e entrar no campo à frente do time nacional e, no país do futebol...”** Com a voz embargada, Nicolelis foi interrompido por aplausos. Retomou o raciocínio pouco depois, com lágrimas nos olhos: “... e executar, no país do futebol, o primeiro gol da ciência brasileira para toda a humanidade. [ênfases nossas]

A matéria completa da revista *Piauí* deixa notável o argumento central que o neurocientista transmite em variadas falas suas que, ambigualmente, moraliza negativamente o corpo que não anda (o corpo que geralmente, e metaforicamente, está preso a uma cadeira de rodas), e moraliza positivamente o corpo que torna-se o contraponto neutro (positivo) do primeiro e objeto legítimo de desejo científico: o corpo independente de cadeiras de rodas e muletas, o corpo de uma criança que corre e brinca de bola no campo de terra da periferia. O choro de Miguel Nicolelis é emblemático, assim como quando uma grande tragédia está para ser evitada. A tragédia em questão é uma criança, uma pessoa do país do futebol não conseguir andar, correr e jogar bola (sobre duas pernas) ou, mais escancaradamente, a tragédia é se tornar uma pessoa com deficiência.

¹² Ou projeto Andar de Novo e sua página oficial pode ser acessada em <<http://virtualreality.duke.edu/project/walk-again-project/>>. Também está online a página do Laboratório de Nicolelis, com maiores informações sobre suas pesquisas e pode ser acessada em <<http://www.nicolelislab.net>>

¹³ ESTEVES, Bernardo. O Chute. Revista *Piauí*. Edição 63, Dezembro/2011.

A pesquisa de Miguel Nicolelis veio sendo considerada e disseminada ambigualmente como uma revolução que carregou a promessa, até os últimos momentos antes da partida inicial da copa do mundo, de restaurar as funcionalidades corporais relativas ao andar através da simbiose com o aparato biotecnológico da Interface Cérebro-Máquina (ICM) (KIM, 2013).

O projeto do neurocientista incide exatamente sobre um dos caros ganhos dos movimentos sócio-políticos da deficiência: a possibilidade de ressignificação do que é o problema da/do deficiente em termos históricos, sociais culturais e políticos desde pelo menos a segunda metade do século XX. O conserto médico-centrado do corpo individual deficiente como solução social e universal para o problema da deficiência, que o neurocientista brasileiro propôs, deixa dúvidas.

Inspirando-nos principalmente em Donna Jeanne Haraway e seu 'manifesto por ciborgues' (1987), unido a algumas leituras que continuam a tensão da obra desta autora, tal figura cibernética pode expandir-se como espectro indicativo de 'quebra' de noções dicotômicas sobre deficiência que acabam por não deixarem a potência disruptiva desses corpos emergirem como ciborgues, já desde suas cadeiras de rodas e muletas, tidos como empecilhos ou como dispositivos que poderiam ser simplesmente invisibilizados e, conseqüentemente, despolitizados, perante o corpo deficiente (muitas vezes considerado um dado da natureza humana, uma possibilidade passiva). Dessa maneira, a estrutura milagrosa do exoesqueleto - que na realidade é suporte escolhido da tecnologia principal de informação criada com a colaboração de Nicolelis, a Interface cérebro-máquina (ICM) - não se difere exatamente do que se propõem em princípio as tecnologias assistivas e reabilitativas existentes para pessoas deficientes físicas, o que deixa nítido a vontade moral e científica, tida como ordem e progresso, na busca pela posição bípede. Para o antropólogo Joon Ho Kim (2013: Resumo)

No bojo desse imaginário, a tecnologia do exoesqueleto robótico, derivada da indústria bélica, emerge como a solução que promete restabelecer os movimentos das pessoas com lesão medular. Porém, a obsessão em encapsula-los dentro de corpos robóticos supranumerários, em detrimento de outras tecnologias e terapias, parece muito mais motivada pelo simbolismo de um bipedismo simulado, que busca apagar a diferença entre os "deficientes" e os "normais", do que pela reabilitação efetiva.

Para ilustrar etnograficamente e contribuir na compreensão do que vimos falando, propomos fragmentos da narrativa construída a partir da experiência como deficiente em certas práticas corporais, de um dos autores deste artigo, Marco:

Me lembro da primeira vez que me deparei com o discurso sobre a iminência de eu 'cair' em uma cadeira de rodas. Aos 8 anos de idade realmente não me era uma ideia atraente, principalmente por que, paralelamente com a minha irremediável constante perda de marcha à época, os fundamentos das terapias e das tecnologias discursivas que eu estava imerso primavam por esgotar as tentativas de me manterem em pé, inclusive como tratamento reabilitativo. Entre a cadeira de rodas, que poderia ser uma das saídas futuras para minha perda da marcha, o tutor longo (ou *legbraces*, uma estrutura semelhante a do exoesqueleto de *Nicolelis*) era uma insistência profilática (mesmo que ortopédica) que incidia exatamente nas minhas pernas, colocadas entre hastes de ferro articuladas nas juntas do joelho e da cintura.

A minha própria vontade de me manter em pé, estimulada pelos terapeutas e médicos à minha família, dependia de eu conseguir sustentar minha estrutura corporal agora com hastes de metal sobre duas muletas canadenses e passar horas treinando deambulação para aprimorar meus passos. Os velcros que prendiam as hastes metálicas junto ao meu corpo, pontos da liga de metal e plástico ao longo do aparelho articulado me machucavam em certos locais, me incomodavam, doíam, mas o medo e o pavor perante ao possível uso da cadeira de rodas era pior do que essas micro injúrias. Contudo, meus esforços particulares e fisioterapêuticos motivados pelo medo das quatro rodas não foram capazes de fazer com que meu corpo, acometido pelo que pode ser considerada um problema cibernético, pois produz exatamente uma falha organo-informacional¹⁴, se 'prendesse' a uma cadeira de rodas conforme minha estrutura muscular se degenerasse e se enfraquecesse (anotações de campo, GAVERIO, 2016)

Dessa maneira, podemos começar a perceber certa ontologia do 'corpo deficiente' como fundação historicamente sistemática. Se deficiência pode ser considerada em si uma grande categoria flexível para descrever certos corpos em suas disfunções orgânicas

¹⁴ É por isso que Joon Ho Kim atenta e argumenta, como na citação anterior, que os lesados medulares podem ser considerados um exemplo dessa falha de comunicações de informações e estímulos entre o centro de comando informativo (o cérebro) e seus componentes periféricos (o corpo). A minha doença, chamada amiotrofia espinhal, mesmo não sendo uma lesão adquirida, nos termos técnicos, por ser uma condição genética progressiva, pode ser considerada como essa 'quebra' de informação entre as funções corporais, principalmente por ela existir devido à falta de uma proteína medular que é responsável por dissipar os estímulos nervosos *on time full* do cérebro ao resto do corpo, assim como Puar nos intriga a pensar. Tadeu (2010, p. 13) também argumenta sobre essa construção do sujeito cartesiano com relação ao embaraço das categorias que seriam o próprio ciborgue.

(desorganização) estatisticamente quantificáveis, em que momento ela se desassociou das tecnologias que diretamente atuam na manipulação dos corpos a partir da consideração de que sua existência é neutra e objetiva pois invariavelmente orgânica? Ou seja, desde quando a doença genética de um dos autores, que afeta os sítios neuro motores do seu corpo fazendo com que ele se encaixe na categoria moderna de deficiência não é, ela mesma, uma construção biomédica, pra não dizer exatamente biopolítica? Ou seja, desde quando a possibilidade de travar exatamente o diagnóstico de AME (Atrofia Muscular Espinhal) que só foi possível, no seu caso, nos anos 2000, com o avanço das coletas de DNA, não foi ela mesmo, então, um produto da biocibernética, ou da tecnociência biomédica que veio dando materialidade ao próprio conceito de corpo orgânico biológico normal e anormal?

Joon Ho Kim (2013) aborda tal [bio]cibernética humana como aquele problema e suas resoluções perante a extensão, a conexão do eu animado com o mundo. Problema descartiano e anatômico por excelência. Diz-nos Kim (2013: 446):

O paradigma biocibernético do corpo é produto de um processo que tem raízes no século XVI, época em que a transição do corpo cristão para o corpo-máquina produziu transformações radicais na forma como nos apropriamos dele materialmente e simbolicamente. [...] Costuma-se creditar essa cisão ao postulado cartesiano que, identificando o corpo à máquina e a alma à razão, se opôs frontalmente à concepção cristã de que corpo e alma são partes indivisíveis da pessoa. [...] Contudo, nessa época, o corpo já era objetivado como coisa nos tratados anatômicos que floresceram a partir d'*a Estrutura Do Corpo Humano* de Vesalius, [...] que se apropria do corpo humano como um espaço despersonalizado no qual navega o anatomista.

A questão fica para o que Haraway aponta em “manifesto por ciborgues” (1987), e é alongada de certa maneira por Paul B. Preciado [ao dizer que ‘sex is sex design’], de que essa cópula entre organismo e máquina, já se dá no momento que é essa articulação porosa e instável que organiza o saber\poder sobre a vida humana, porém que escamoteia o lado produtivo e em constantes processos de construção (ficção) da própria ideia do que é cientificamente biológico [ou o que é cientificamente científico] (LANDECKER, 2010). Nesse sentido, ao falar da "ubiquidade [analítica] do ciborgue [de Haraway, principalmente]", Tomaz Tadeu (2000, p. 11) argumenta que:

Não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer dos lados da linha de “divisão”: a ciência, a tecnologia, a natureza puras; o puramente social, o puramente político, o puramente

cultural. Total e inevitável embaraço. Uma situação embaraçosa? Mas, cheia de promessas, também: é que o negócio todo é, todo ele, fundamentalmente ambíguo.

A valoração positiva exaltada pela imprensa que reivindica a fortaleza daqueles que tentam recuperar seu estado de "normalidade", ou que lutam para manter uma vida como "toda menina normal", assim como as reivindicações midiáticas apresentadas no caso de Nicoletti, são ações que performativamente posicionam determinados corpos, aqueles primeiro que são considerados "deficientes", mas também aqueles que não podem ou ficam afastados desses modelos de lutador, de fortaleza moral e espiritual, ficando nas posições de corpos que não importam.

Considerações finais.

O 'moderno movimento sócio político deficiente' começou a questionar foi o estatuto natural da própria capacidade e que o corpo, mesmo com limitações físicas-sensoriais-cognitivas, não é a origem *per se* dá clivagem entre deficientes e não deficientes. Em outras palavras, não é o defeito corporal que causa a desigualdade social sofrida pelos deficientes. A desigualdade estaria nas estruturas relacionais que permitem a circulação de tipos específicos de corpos (os com menos deficiências possíveis), os construindo como normais e neutros culturalmente.

Essa tensão causou uma possibilidade de buscar outros referenciais que não os biológicos para pensar a construção da deficiência como um problema social. Essa busca fez emergir um contra discurso deficiente teórico-político que principalmente voltou-se a "normalizar" a deficiência. O corpo deficiente - considerado por muito tempo somente como inapto, incapaz, falho, desintegrado, deficitário em si mesmo - foi sendo postulado cada vez mais tanto como uma variabilidade morfofuncional possível quanto uma característica socialmente estigmatizada devido a todo processo de classifica-lo em seus fundamentos órgão-mecanicistas em analogia com uma noção médico-funcionalista de sociedade (KAFER, 2013).

O conhecimento "sociológico", hoje conhecido como *disability studies* e reconhecido como uma área ampla das humanidades (SNYDER et ali., 2002), floresceu no contexto político-social euro-americano, fruto das inquietações dos 'novos sujeitos' dos 'novos movimentos sociais' (ADELMAN, 2009) e tem se tornado, inclusive no Brasil, um espaço de construção de conhecimento crítico sobre definições estanques e deterministas (principalmente no sentido biológico) sobre deficiência e sobre aquele(a)

considerado(a) deficiente. Dizemos “produção sociológica” sobre deficiência entre aspas pois uma das considerações sobre essa área de estudos que emergiu durante os anos 1980 é que ela, em um primeiro momento, não se dissociou exatamente dos conhecimentos produzidos pelas próprias pessoas consideradas deficientes fora de contextos acadêmicos. Da segunda metade do século XX em diante, ainda tomando como referência o contexto sócio-político euro-americano, começou-se a convencionar publicamente as fronteiras de uma identidade deficiente circunscrita sob certos tipos de experiências individuais coletivizadas.

Em um segundo momento, conforme as influências sociológicas nos *disability studies* abriam espaço para expandir as análises sociais sobre deficiência, em meados dos anos 1990 esses estudos emaranharam-se pelas humanidades e passaram a reivindicar cada vez mais a deficiência como um marcador da diferença similar não só a classe, mas a raça\etnia, gênero, sexualidade e velhice, por exemplo (DAVIS, 1995; 2006; SNYDER et alii, 2002). Esse discurso crítico social sobre deficiência, ao ressignificá-la a partir do homônimo clássico termo médico, nos mostra que a generalização das disfuncionalidades corporais e suas incapacidades traduz qualquer possível anormalidade considerada nas funções do corpo humano a partir de ideias do que é normal/natural/saudável. Aquilo que desvia, aquilo que é deficiente, teria de ser compreendido a fim de ser tratado, reabilitado, curado visando dar respostas à melhorias do corpo humano, de suas capacidades e vitalidades. Ao que parece, e essa é uma proposição a ser tensionada, aquilo que desvia, que é deficiente, não é exatamente para ser almejado ou desejado.

A partir deste referencial teórico, as apresentações com conotações trágicas exaltadas pela prensa no referente aos acidentes de Laís Souza e Neymar Jr., permitem-nos compreender como as ideias normativas de que "os corpos, naturalmente, são capazes", a partir do qual podemos ver como o binômio capacidade-deficiência, adapta-se para criar diferenças em diversos contextos. Neste sentido, devemos destacar o caráter flexível e complexo destas estruturas normativas. As áreas esportivas, e o aparato midiático a estas vinculado, são contextos importantes de reprodução discursiva destas diferenças, que operam distinguindo entre corpos capazes de corpos deficientes, assim como entre as pessoas que se auto definem como pertencentes ao mundo da deficiência, gerando uma matriz moral que valoriza positivamente aqueles que tentam levar sua vida cotidiana do "jeito mais normal possível", aqueles que aceitam a situação e se adaptam, que tem força para lutar contra seu corpo deficiente em busca de melhoras, daqueles que

não fazem nada por eles mesmos, ou seja, daqueles que não lutam por seu próprio bem-estar físico e psíquico, os que são "rengos de cabeça".

É essa possibilidade de interpretar criticamente não só a deficiência como uma identidade construída sob variadas instâncias, mas também uma aparente 'compulsão por corpos hábeis'¹⁵ (*compulsory ablebodiedness* (MCRUER, 2006)) que produz a própria ideia de um mundo com e sem pessoas deficientes, com ou sem pessoas capazes. Determinadas buscas por querer ser o mais normal possível nos parecem ser animadas a partir dessa dicotomização do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Miriam. **A Voz E A Escuta: Encontros e Desencontros entre a Teoria Feminista e a Sociologia Contemporânea**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009
- ALBRECHT, Gary L. & SEELMAN, Katherine D. & BURY, Michael. Introduction: The Formation of Disability Studies. In: _____. (eds.). **Handbook of Disability Studies**. SAGE Publications, 2001
- ANDRADE DE MELO, V. O corpo esportivo nas searas tupiniquins: panorama histórico. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp. 2011, p. 507-529.
- BERGHS, Maria. Embodiment and Emotion in Sierra Leone. **Third World Quarterly**, 32:8, 2011, pp. 1399 - 1417.
- BUTLER, J. P. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BROWN, Wendy. **States of Injury: Power and Freedom in Late Modernity**. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. **Circulando Entre Práticas Esportivas E Sexuais: Etnografia Em Competições Esportivas Mundiais LGBTs**. Tese de Doutorado em Ciências Humanas. UFSC, Santa Catarina, 2012
- COSTA C. ANDRADA, Bárbara Fonseca da. **Modelos Teóricos da Deficiência no Discurso Acadêmico Brasileiro - Perspectivas Integracionistas e o Campo da Saúde Coletiva**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

¹⁵ Esse termo tem sido traduzido também como corponormatividade. Ver GAVÉRIO, 2015b.

CONNELL, Raewyn. Southern Bodies and Disability: re-thinking concepts. **Third World Quarterly**, 32:8, 2011, pp. 1369-1381

DAVIS, Lennard J. *Enforcing Normalcy: Disability, Deafness, and the Body*. Kindle Edition. New York: Verso, 1995.

_____. Introduction. In: DAVIS, Lennard J. (ed.). **The Disability Studies Reader – Second Edition**. New York: Routledge, 2006

DINIZ, Debora. **O Que É Deficiência?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2007

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FERNANDEZ VAZ, A. Treinar o corpo, dominar a Natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº48, 1999.

FERRANTE, C. El campo del deporte adaptado como escuela de moralidad: “lo importante es no ser renco de la cabeza”. Sobre la experiencia de la discapacidad motriz adquirida a partir de la práctica deportiva en un contexto neo-colonial y dependiente. In. ALMEIDA, M.E.; ANGELINO, M.A. (Comp.). **Debate y perspectivas en torno a la discapacidad en América Latina**. Paraná: Universidad Nacional de Entre Ríos. UNER. Facultad de Trabajo Social, 2012, p. 62-98.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRITSCH, Kelly. Gradations of Debility and Capacity: Biocapitalism and the Neoliberalization of Disability Relations. **Canadian Journal of Disability Studies**. 4.2. 2015

GAVÉRIO, Marco A. **"Que Corpo Deficiente É Esse?": Notas Sobre Corpo e Deficiência Nos Disability Studies**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015a.

_____. Medo de um Planeta Aleijado? – Notas Para Possíveis Aleijamentos Da Sexualidade. **Áskesis**. v. 4 n. 1, janeiro/junho – 2015b

HARAWAY, Donna Jeanne. A manifesto for Cyborgs: Science, technology, and socialist feminism in the 1980s. **Australian Feminist Studies**, 2:4, 1-42, (1987)

_____. The biopolitics of postmodern bodies: Determinations of self in immune system discourse. In: HARAWAY, Donna Jeanne. **Symians, Cyborgs and Women: The Revention of Nature**. Routledge\NY; 1991

- HARLOS, Franco Ezequiel. **Sociologia da deficiência: vozes por significados e práticas (mais) inclusivas**. São Carlos: UFSCar/PPGES, 2012.
- ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2011.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007
- _____. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**. Campinas: Papiрус, 2009 (4ª edição).
- KAFER, Alison. **Feminist, Queer, Crip**. Bloomington: Indiana University Press. 2013. Kindle Edition
- KIM, Joon Ho. **O estigma da deficiência física e o paradigma da reconstrução biocibernética do corpo**. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LANDA, M. I. **Las tramas culturales del Fitness en Argentina: los cuerpos activos del ethos empresarial emergente**. 2011. 344 f. Tese (Estudios de Doctorado en Teoría Literaria y Literatura Comparada) Facultad de Filosofía y Letras, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2011.
- LIVINGSTON, Julie. Insights from an African History of Disability. **Radical History Review**. Issue 94 (Winter 2006): 111–26
- MCRUER, Robert. Critical Investments - AIDS, Christopher Reeve, and Queer-Disability Studies. **Journal of Medical Humanities**, Vol. 23, Nos. 3/4, Winter. 2002
- _____. **Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability**. New York: New York University Press, 2006
- MELLO, Anahí Guedes de. **Por uma abordagem Antropológica da Deficiência: Pessoa, Corpo e Subjetividade**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. In. **Estudos Feministas**. v. 14, n. 3. Florianópolis, 2006.
- OLIVER, Mike. **The Politics of Disablement**. Basingstoke: Macmillan, 1990.
- OLIVEIRA, S. N. **Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida**. 2010. 102 f. Tese (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2010
- ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. A saúde como salvação: contexto cultural de ascensão do corpo como valor na contemporaneidade. In ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. **Corpo**

em evidência: a ciência e a redefinição do humano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010, p. 63-95.

ORTEGA, F. **O Corpo Incerto: Corporeidade, Tecnologias Médicas e Cultura Contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui.** Madrid: Espasa, 2008.

PUAR, Jasbir K. Prognosis time: Towards a geopolitics of affect, debility and capacity.

Women & Performance: a journal of feminist theory, 19:2, 2009, pp. 161-172

SCOTT, J. W. A Invisibilidade da Experiência In: **Projeto História.** São Paulo: PUC, 1998.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil.** 1a ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1994.